

REVISTA BATISTA PIONEIRA

BÍBLIA ▪ TEOLOGIA ▪ PRÁTICA

ONLINE ISSN 2316-686X - IMPRESSO ISSN 2316-462X

Vol. 8 ▪ n. 1 ▪ Julho | 2019

REFORMA PROTESTANTE E O PENSAMENTO FILOSÓFICO MODERNO

Protestant Reform and Modern Philosophical Thinking

Me. Jeverson Nascimento¹

RESUMO

O presente artigo contempla uma abordagem reflexiva acerca do pensamento moderno, uma análise resumida da vida e das obras de René Descartes, que é considerado por muitos estudiosos o pai da filosofia moderna. Estarão presentes no texto o pensamento filosófico moderno, o discurso do método, onde René expressou seu desapontamento com o saber de sua época. Descobriu-se que as obras de René formaram uma base sobre a qual os racionalistas desenvolveram seus trabalhos e formularam suas hipóteses. Analisa-se também o afastamento da teologia do prestígio da ciência, o impacto das ideias dos pensadores. Esses pensamentos modernos foram capazes de influenciar até mesmo o mais alto escalão da academia. Tal ação levou muitos

¹ O autor é Mestre em Teologia pelas Faculdades Batista do Paraná, possui Licenciatura em Filosofia - Faculdades Entre Rios de Piauí (2016) e Bacharelado em Teologia pelo Centro de Ensino Superior de Maringá (2014). Atualmente é professor visitante do Centro de Teologia de Santa Catarina. Tem experiência na área de Teologia, com ênfase em Prática ministeriais, atuando principalmente nos seguintes temas: divergências e convergências, Deus, métodos de interpretação bíblica, bíblia sagrada e filosofia. E-mail: prjeverson@gmail.com.

acadêmicos ao afastamento da Teologia acadêmica e prática em sua época.

Palavras-chaves: Reforma Protestante. Discurso do Método. Pensamento Cartesiano.

ABSTRACT

This article considers a reflective approach about modern thought, a brief analysis of the life and works of René Descartes that is considered by many scholars the father of modern philosophy, will be present in the text the thought modern philosophical discourse of method, where René expressed your disappointment with the knowing of your time. Descobiu-the works of René formed a basis on which the rationalists have developed its work and formulated their chances. Analyzes the expulsion of the theology of the prestige of science, the impact of the ideas of thinkers, these modern thoughts were able to influence even the most auto step from the Academy, such action has led many scholars to the removal of theology academic and practice in your time.

Keywords: Reformation. Speech of the method. Cartesian Thinking.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho trata-se de uma análise do pensamento moderno, resumida na vida e nas obras de DESCARTES. O autor é considerado por muitos o pai da filosofia moderna. Neste texto analisar-se-á o pensamento filosófico moderno, o discurso do método, em que DESCARTES expressou seu desapontamento com o saber de sua época. Dando continuação, há uma breve apresentação do então conhecido método cartesiano, demonstrando que tal método consiste em um ceticismo metodológico. Observa-se que as obras de DESCARTES formaram uma base sobre a qual os racionalistas desenvolveram seus trabalhos e formularam suas hipóteses.

Em seguida, procura-se entender o afastamento da teologia do prestígio da ciência. Para chegar-se a tal conclusão é feita uma análise de como o método científico de DESCARTES e o pensamento filosófico moderno foram capazes de influenciar a academia de tal forma que afastou os acadêmicos da Teologia.

Procura-se ainda demonstrar a importância da teologia como ciência, não eliminando os aspectos da fé, nem os aspectos práticos da teologia, os quais, para alguns autores, são elementos indispensáveis para se fazer teologia.

A intenção do trabalho é conduzir o leitor a reflexões sobre o tema, ampliando o horizonte para o surgimento de novas ideias. O diálogo é sobre um tema de importância histórica. Sua relevância, neste exato momento, justifica-se pelas comemorações dos 500 anos da Reforma Protestante. Acredita-se ser esse o momento propício para dialogar sobre esse tema.

A metodologia utilizada na produção do texto foi leitura, interpretação de livros, periódicos e artigos. Cada texto foi selecionado cuidadosamente, com o intuito de contribuir com o tema já mencionado. Cada tópico foi produzido com a intenção de cativar o leitor a se aprofundar no assunto. Esse aprofundamento poderá ter seu início durante a leitura deste trabalho, e continuar após a leitura do mesmo, pois não se pretende esgotar o assunto.

1. O PENSAMENTO FILOSÓFICO MODERNO

René Descartes, matemático e filósofo francês, considerado fundador da filosofia moderna e pai da matemática, tinha a saúde frágil e era cuidado por sua avó. Entrou no colégio Jesuíta de Le Flèche. Nesse estabelecimento, Descartes teve formação filosófica e científica, aprendeu a filosofia pelo método escolástico. O que mais agradava a Descartes era a matemática, por dar respostas exatas. Entrou para a Universidade de Pitiers e se formou em direito. Como não ficou satisfeito com os conhecimentos adquiridos, resolveu entrar para o exército. Fez então uma forte amizade com um entusiasta da Física e da Matemática, Isaac Beckman, jovem médico holandês. Após ter se alistado no exército em 1617, Descartes descobriu que tinha talento para matemática, de modo que ele passou a maior parte de seus anos militares estudando matemática pura, principalmente geometria analítica. Descartes tinha um projeto filosófico cada vez mais ligado à matemática, queria associar as leis numéricas com as leis do mundo, resgatando a antiga doutrina pitagórica. Sua principal teoria afirmava-se na eficácia da razão. Queria refletir sobre a questão da autonomia da ciência e objetividade da razão frente ao Deus todo-poderoso.²

A chamada Idade da Razão surgiu para redefinir os padrões científicos e filosóficos já existentes. O então conhecido método cartesiano consiste no ceticismo metodológico, que nada tem a ver com a atitude cética: duvida-se

² STRATHERN, Paul. **Descartes em 90 minutos**. Filósofos em 90 minutos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.

de cada ideia que não seja clara e distinta. Ao contrário dos gregos antigos e dos escolásticos, que acreditavam que as coisas existem simplesmente porque “precisam” existir, DESCARTES instituiu a dúvida: só se pode dizer que existe aquilo que puder ser provado, sendo o ato de duvidar indubitável. Baseado nisso, DESCARTES busca provar a existência do próprio eu (que duvida: portanto, é sujeito de algo. *Ego cogito ergo sum*, “eu que penso, logo existo”).³

DESCARTES, nesta declaração, logo descobre o homem como um ser racional por natureza, com a capacidade de alcançar o conhecimento e, mais que do isso, sua própria existência é definida pelo ato de pensar. As obras de DESCARTES formaram a base sobre a qual os racionalistas desenvolveram seus trabalhos e formularam suas hipóteses. As principais obras do filósofo são: Discurso sobre o método (1637), Meditações sobre filosofia primeira (1641), Princípios de filosofia (1644), O homem. Seu pensamento foi influenciado por: PLATÃO, PITÁGORAS, ARISTÓTELES, Sexto Empírico, PIRRO, AGOSTINHO, AQUINO, ANSELMO, OCKHAM, SANCHES, SUÁREZ, SCOTUS, MERSENNE, MONTAIGNE (1662). Dessa forma, percebe-se que os métodos de DESCARTES contrariavam o pensamento teológico da época, causando enorme desconforto à igreja católica.⁴

2. O DISCURSO DO MÉTODO

Em O Discurso do método, sua principal obra, DESCARTES expressou seu desapontamento com o saber de sua época. Grande parte daquilo em que ele acreditava se revelara falso. Questionando a influência teológica de sua época, o autor resolveu, então, buscar somente o conhecimento que pudesse encontrar dentro de si mesmo ou na natureza. Empenhou-se em encontrar uma verdade irrefutável que servisse como princípio elementar do conhecimento. DESCARTES foi considerado o fundador da filosofia moderna por ter incentivado os indivíduos a questionarem todas as crenças tradicionais e por ter proclamado a *inviolável autonomia da mente*, sua habilidade e direito de compreender a verdade. Suas declarações conscientizaram as pessoas de sua capacidade de entender o mundo através de suas próprias faculdades

³ DAMÁSIO, António R. **O erro de Descartes: emoção, razão e o cérebro humano**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

⁴ DESCARTES, René. “Penso, logo existo” in: **O livro da Filosofia**. Tradução Rosemarie Ziegelmaier. São Paulo: Globo, 2011, p. 116-122.

mentais.⁵

Segundo DESCARTES, a certeza somente poderá ser alcançada pela razão, e para se chegar a uma conclusão sobre qualquer hipótese é necessária a utilização de um método. Para tanto, ele desenvolve o seu próprio método científico, baseado em quatro regras clássicas:

- Não aceitar jamais como verdadeiro uma coisa que não se reconheça evidentemente como verdadeira, abolindo a precipitação, o preconceito e os juízos subjetivos (EVIDÊNCIA);
- Dividir as dificuldades em tantas partes quantas for possível e necessário para resolvê-las (ANÁLISE);
- Conduzir ordenadamente o pensamento, começando pelos objetos mais simples e mais fáceis de conhecer até culminar com os objetos mais complexos, em uma sequência natural de complexidade crescente (SÍNTESE);
- Realizar sempre discriminações e enumerações as mais completas e revisões as mais gerais, de forma a se ter certeza de nada haver sido omitido (ENUMERAÇÃO).

O método de DESCARTES tem influenciado, até os dias de hoje, inúmeras pessoas. Desse modo, ele é proclamado pela comunidade científica e é chamado de o pai da ciência moderna, quem sabe seja ele o responsável pelo afastamento da teologia do prestígio da ciência. Mesmo tendo desenvolvido o método científico, ainda assim considerava a matemática como sendo caminho prático e seguro para se chegar ao conhecimento de diversas hipóteses. Para ele, aplicando o raciocínio matemático também aos problemas filosóficos, poder-se-ia alcançar a mesma certeza e clareza evidenciadas na geometria analítica. Tal afirmação foi publicada em seu livro “Discurso do método”, em 1637, e sobre tal conhecimento destaca que:

Penso que é possível usar a palavra “conhecer” para referir-se a certas modalidades de apreensão que não são nem científicas, nem metodológicas, nem lógicas – como algum tipo de percepção intuitiva, por exemplo. Mas eu não chamaria isso de “conhecimento”, mas sim de conhecer.⁶

⁵ BECERRA, Luíza. **René Descartes e o método científico!** Disponível em: < <http://parquedaciencia.blogspot.com.br/2013/03/René-descartes-e-o-metodo-cientifico.html> >. Acessado em 09-05-2017.

⁶ PETER, Kreeft; MELATTI, Gabriel. **Sócrates encontra Descartes**. São Paulo: Vide Editorial,

Para DESCARTES, a utilização do método geométrico-matemático é importante e pode ser aplicado a tudo. Ele diz que as longas cadeias de raciocínios dos geômetras poderiam ser aplicadas a todas as coisas conhecíveis e que não havia nada de tão distante ou oculto que não pudesse ser revelado por meio delas.⁷ O pensamento do autor na obra “Discurso do Método” encadeia-se linearmente, indo de um ponto a outro como das premissas se vai à conclusão. O seu sistema filosófico, tal como o resumido em seu livro, pode ser também dividido em seis etapas: Primeiro, a dúvida universal como ponto de partida metodológico. Segundo, sua primeira certeza, ou o ponto arquimédico de sua filosofia, “Penso, logo existo”. Terceiro, sua antropologia, ou a resposta que deste à pergunta “o que sou”. Quarto, sua epistemologia, em especial o seu critério de veracidade: as ideias “claras e distintas”. Quinto, sua metafísica ou teologia filosófica: as provas da existência de Deus. Sexto, sua fundamentação filosófica das ciências: a prova da realidade do mundo físico.⁸

Para HEDI, o “Discurso do Método” foi a obra em que DESCARTES lançou as bases do pensamento que viria modificar toda a história da filosofia. Alguns anos depois, suas ideias foram retomadas nas “Meditações”. O filósofo estava disposto a encontrar uma base sólida para servir de alicerce a todo conhecimento.⁹

Segundo STRANTHERN, DESCARTES morreu de pneumonia, a 11 de fevereiro de 1650, em Estocolmo, depois de dez dias doente. Neste período, o autor estava trabalhando como professor a convite da rainha Christina. Acostumado a permanecer na cama até meio-dia, sofreu muito com as demandas da rainha Christina, cujos estudos começavam às 5 da manhã. Como um católico num país protestante, ele foi enterrado num cemitério de crianças não batizadas, na Adolf Fredrikskyrkan, em Estocolmo. Em 1667, os restos mortais de DESCARTES foram repatriados para a França e enterrados na Abadia de Sainte-Geneviève, de Paris. Um memorial construído no século XVIII permanece na igreja sueca. No mesmo ano, a Igreja Católica coloca os seus livros na lista proibida. Embora a Convenção, em 1792, tenha projetado a

2014, p. 73.

⁷ PETER; MELATTI, 2014, p. 73-76.

⁸ PETER; MELATTI, 2014, p. 73-76.

⁹ STRECKER, Heidi. **Especial para Página 3 Pedagogia & Comunicação**. Disponível em: <<https://educacao.uol.com.br/disciplinas/filosofia/René-descartes-1-o-metodo-cartesiano-e-a-revolucao-na-historia-da-filosofia.htm?cmpid=copiaecola>>. Acessado em 09-05-217.

transferência do seu túmulo para o Panthéon, ao lado de outras grandes figuras da França, desde 1819, seu túmulo está na Igreja de Saint-Germain-des-Prés, em Paris. Em homenagem ao autor, a vila no vale do Loire onde ele nasceu foi renomeada La Haye-Descartes e, posteriormente, já no final do século XX, Descartes.¹⁰ Uma mente tão brilhante, com métodos que estão influenciando a academia até os dias de hoje, pode-se dizer que DESCARTES morreu prematuramente e que ainda tinha muito a contribuir com seus métodos, que ainda são considerados por muitos filósofos atuais como inacabados. Pode-se dizer que sua filosofia e seus métodos nunca morreram.

Mesmo a filosofia, com todos os seus métodos filosóficos atuais, poderá ser questionada como ciência, e também cair no descrédito, como afirma MAXWELL: “não basta à filosofia constatar uma realidade, mas deve ir além, para encontrar a causa ou as causas através da razão. É justamente essa qualidade peculiar que garante ‘cientificidade’ à filosofia”.¹¹

3. O AFASTAMENTO DA TEOLOGIA DO PRESTÍGIO DA CIÊNCIA

O dilema entre a razão e a fé religiosa é um problema que envolve uma diversidade de diálogos filosóficos e teológicos que se desenvolveram ao longo dos anos. Nossa sociedade nomeia esse período de diálogos como antiguidade, Idade Média, modernidade e, de certa forma, a nossa contemporaneidade. De um modo mais específico, esses problemas concentraram-se no âmago da filosofia e teologia cristã durante a Idade Média, não chegando a um consenso entre filosofia e teologia.¹²

Para CAVALCANTE, outros pensadores medievais, como Duns Scotus (1266-1308) e Guilherme de Ockham (1285 – 1347), tentaram mostrar que não é possível conciliar “as verdades da fé” com as “verdades da razão”, uma vez que a filosofia e a ciência têm dificuldades para compreender a fé, conceitos sem provas físicas.¹³ Nesse sentido, CAVALCANTE afirma que a crença em si é um estado mental cuja disposição é desejar ser verdadeira. As crenças sem demonstrações e provas não fazem parte do estudo da epistemologia

¹⁰ STRATHERN, 1996.

¹¹ MAXWELL. **Origem, história e descrédito** - Maxwell - PUC-Rio. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/10064/10064_3.PDF>. Acessado em 09-05-217.

¹² ALBUQUERQUE, Leila Marrach Basto de; SANTOS, Frederik Moreira dos. *Religião e Ciência: tensões, sincretismos e diálogos II*. **Revista Nures** | Ano XIV | Número 34 | setembro-dezembro de 2016.

¹³ ALBUQUERQUE; SANTOS, 2016.

tradicional e nem de uma teologia racional.¹⁴

Com base em pensamentos assim, de que não é possível conciliar “as verdades da fé” com as “verdades da razão”, que no século XV surgiu o humanismo renascentista, na península itálica, em um período de transição entre a Idade Média e a Moderna. Nesse período, rompeu-se com a filosofia, com a teologia cristã da escolástica medieval. Com esse rompimento, valoriza-se o saber dos gregos antigos, abandonado a teologia da escolástica e retomando a concepção do humanismo. O período medieval, anterior, foi marcado por uma forte visão hierárquica e religiosa de mundo, em que a arte está voltada para o sagrado. Nesse período a filosofia está vinculada à teologia e à problemática religiosa. Com o começo do afastamento da teologia do prestígio da ciência e da filosofia, o homem e seus atributos de liberdade e razão passam a ser importantes novamente, e não mais apenas as questões do mundo divino. Nessa época, nas artes predominam os temas pagãos, totalmente afastados da temática religiosa. É a arte voltada para o homem comum e simples, não mais a reis e santos. Surge, então, um período em que se valoriza o corpo físico e a dignidade humana.

Após o período chamado de Idade Média, há um período de transição entre o século XV e XVI para a Idade Moderna, que significou ruptura com a tradição cristã, tradição essa que era fundamentada em Deus, na teologia. Nessa transição passou-se a valorizar mais o homem e deixar Deus de lado. É o período chamado pela ciência de Humanismo Renascentista: conhecido pelo destaque nas artes plásticas, valorização do homem, liberdade e criatividade. Esse é o momento do rompimento com visão do sagrado, bem como o rompimento da teológica na arte, no pensamento, na política, na literatura. Os pensadores desse período passam a valorizar o saber dos gregos antigos. Valoriza-se o homem e rompe-se com o pensamento teocêntrico (Deus como o centro de tudo) e a Ciência Antiga. É o momento de novos pensadores e artistas, tais como Leonardo da Vinci, William Shakespeare, Rafael, Maquiavel, Michelangelo, Montaigne, entre outros. Essas transformações, na maneira de pensar e ver o mundo, são resultado de várias condições históricas no mundo europeu, entre elas pode-se destacar: o humanismo renascentista do século XV, a descoberta do Novo Mundo no século XV, a Reforma Protestante do

¹⁴ ALBUQUERQUE; SANTOS, 2016.

século XVI, a revolução científica do século XVII.¹⁵

O afastamento da ciência da teologia tem seu auge durante os séculos XV e XVI. Nesse período, GALILEU (1564 d.c – 1642d.c) propõe a renovação da ciência de sua época, ao abandonar a confiança na autoridade, no senso comum e na tradição. Na busca por uma ciência livre de tudo aquilo que a prende tanto na cultura como na teologia. Para ele, os textos da tradição filosófica ou teológica não devem servir para responder as questões científicas, as quais devem ser confirmadas ou refutadas através da experiência e da observação feitas diretamente sobre o objeto que está sendo examinado.¹⁶

Embora seja um defensor da ciência, para GALILEU ciência e fé não interferem uma na outra, pois ambas trabalham em planos diferentes. Para ele, a fé trabalha e dialoga sobre um plano metafísico de mundo, enquanto que a ciência age sobre o mundo físico. Galileu faz a comparação de que no mundo existem dois livros com o objetivo de revelarem a mesma verdade, mas de forma diferente. O primeiro livro é a Bíblia, que busca a salvação e a redenção das almas e cujos escritos científicos são simplificados e próprios para o entendimento do povo. A natureza é o segundo livro, que, para ser interpretado, tem que ser lido de forma científica e objetiva. Os dois livros são obras de um único Autor e por isso mesmo não podem ser contraditórios.¹⁷ Sendo assim, tanto a ciência como a fé devem ser interpretadas de formas diferentes.

4. TEOLOGIA COMO CIÊNCIA

A pergunta básica ainda hoje é: a teologia é ciência? Para SINNER, pergunta-se, conseqüentemente: “a teologia tem lugar na academia, na comunidade científica, junto com as demais disciplinas, filosofia, a história, a sociologia, mas também a física, a biologia, a matemática?”¹⁸

Um segundo questionamento precisa ser feito, pois há uma preocupação que permeia os alunos que buscam instituições teológicas no Brasil: fazendo teologia como ciência, de modo acadêmico, não se perde a fé? Ou como dizem

¹⁵ OLIVEIRA, Paulo de Eduardo. **Filosofia e educação**: aproximações e convergências. Curitiba: Círculo de Estudos Bandeirantes, 2012.

¹⁶ MEDEIROS, Luciano de Frontino. **Perspectivas em Gestão & Conhecimento**. João Pessoa, v. 2, n. 2, p. 43-56.

¹⁷ GALILEI, Galileu. **Ciência e fé**. Rio de Janeiro: Nova Stella, 1988, p. 21.

¹⁸ SINNER, Rudolf von. Teologia como ciência. **Estudos Teológicos**, v. 47, n. 2, p. 57-66, 2007.

nos jargões populares pentecostais, quem faz teologia acaba se desviando, se esfriando na fé? Este questionamento ainda hoje é legítimo e pertinente.

Já em 1972 a ideia de que a teologia seria uma ciência era negada tanto pela ciência, como também no âmbito da própria Teologia. Segundo BRANDT, as objeções levantadas contra a possibilidade de uma Teologia Científica, no âmbito da ciência, pressupõem as seguintes características de ciência:

A ciência deve ser “pura” e sem pressuposições. Não se exige apenas uma terminologia exata, mas também a independência de pressuposições “estranhas ao assunto”. Com isso, p. ex., exigência pelo relacionamento prático de uma ciência ou por sua aplicabilidade num campo concreto é tida como a científica. 2. Ciência só pode determinar aqueles objetos, aos quais qualquer homem sensato tem acesso. 3. Ciência ocupa-se exclusivamente com o reconhecimento de objetos intramundanos.¹⁹

Para BRANDT, caso sejam estas as pressuposições de uma ciência, a Teologia não pode ser ciência, como também do mesmo modo as demais ciências já reconhecidas e destacadas a seguir não poderiam fazer parte da ciência atual:

Todas as ciências que trabalham com línguas e história, com a interpretação de textos e acontecimentos anteriormente dados, e as que, como a ciência jurídica (ou mesmo a medicina), são inimagináveis sem uma referência a uma realidade concreta, não seriam ciências puras no sentido do ideal da matemática pura, p. ex. O fato de a Teologia não pressupor apenas a razão, mas também a fé, em termos gerais significa: ela não é possível sem uma atitude específica frente a seu objeto. Também isto não se restringe apenas à Teologia, porém, da mesma maneira, p. ex., ao âmbito total da arte (ciência musical, ciência teatral, etc).²⁰

Desta forma, pressupõe-se que, se a teologia não pode ser tratada como ciência, as demais disciplinas já mencionadas por BRANDT, disciplinas essas não baseadas na terminologia da matemática, também não deveriam ter seu reconhecimento como ciência. Na demonstração do que poderia ser chamado de ciência, PLATINGA tenta mostrar quais critérios poderiam identificar algo como ciência:

¹⁹ BRANDT, Hermann. Por que teologia “científica”? **Estudos Teológicos**, v. 12, n. 2, p. 94, 1972.

²⁰ BRANDT, v. 12, n. 2, p. 94-95,

Talvez, o melhor que possamos fazer, em caracterizar algo como científico, é dizer que o termo “ciência” aplica-se a uma atividade que é (1) um empreendimento sistemático e disciplinado objetivando encontrar verdade sobre o mundo e (2) tenha um envolvimento empírico significativo. Isso, é claro, é muito vago (Quão sistemático? Quão disciplinado? Quanto envolvimento empírico?) e talvez, indevidamente permissivo. (Astrologia seria contada como ciência mesmo se fosse apenas uma ciência ruim?) Ainda, temos muitos excelentes exemplos de ciência e excelentes exemplos de não ciência.²¹

Nesse sentido, PLATINGA reconhece que, mesmo propondo estes critérios, ainda assim não se poderia ter uma definição concreta do que realmente é ciência. A princípio, quando comparada com as demais ciências, a teologia parece inadequada e incoerente. Entretanto, percebe-se que cada ciência possui suas próprias especificidades, métodos, objetos de estudo e pressupostos. Portanto, isso não é diferente para a teologia e é com base em uma análise destes elementos: “características próprias da teologia”, a partir destes é que a ciência teológica deve ser delineada.²² Pode-se dizer, por exemplo, que a filosofia não tem elementos empíricos para certificar que alguma proposta sua seja de fato verdadeira, todavia ninguém trata filosofia como incoerente ou como uma não ciência ou desprovida de valor.

O Prof. Dr. Côn. Antonio Manzatto afirma que “desde os tempos de Santo Anselmo, a teologia foi configurada como “fides quaerens intellectum”. Há, portanto, uma clara referência à racionalidade na elaboração da teologia, de onde deriva a afirmação de sua cientificidade.²³

Porém, a elaboração a teologia tem o seu começo com o “auditus fidei”, a escuta da fé que precede o “intellectus fidei”, sua elaboração científica e racional. Para MANZATTO, a racionalidade e a cientificidade da teologia são, por isso, específicas: sem deixar de sê-lo, não se reduzem ao paradigma de “ciência exata”. Até porque os conteúdos da fé não são derivados de conclusões afirmadas por via de racionalidade.²⁴

²¹ PLANTINGA, Alvin. **Religion and Science**. Stanford Encyclopedia of Philosophy, 2007.

²² PLANTINGA, 2007.

²³ MANZATTO, Antônio. A Teologia na Universidade. Disponível em <<https://revistas.pucsp.br/index.php/reveleiteo/article/view/6749/4880>>. Acessado em 09/05/2017.

²⁴ MANZATTO, 09/05/2017.

5. TEOLOGIA COMO CIÊNCIA E OS ASPECTOS DA FÉ

Na defesa da teologia como ciência dentro das universidades, afirma que é importante levar em consideração aspectos da própria teologia como a fé, portanto ela é a primeira em relação à elaboração teológica. Sendo assim, é possível afirmar que:

Os elementos e afirmações básicos da fé cristã não são conclusões de raciocínios ou silogismos, mas dados pela revelação. O Deus em quem se crê não se conhece por dedução lógica a partir de raciocínios, mas por sua própria revelação, que fundamenta a possibilidade de conhecê-lo. Em outras palavras, não é o homem que “descobre” Deus ou a ele chega, mas é ele quem vem em direção ao humano, revelando-se e possibilitando-lhe conhecê-lo. A aceitação dessa sua revelação fundamenta a possibilidade da elaboração teológica. A fé é, portanto, primeira em relação à elaboração teológica. Necessariamente, por exigência epistemológica, o teólogo é homem de fé; sem ela, pode ser um estudioso da religião, fazer estudo da evolução das práticas, conhecimentos e comportamentos religiosos, estudo dos ritos e suas diferentes significações segundo as culturas, estudo dos comportamentos humanos derivados das afirmações religiosas, elaboração de teorias e afirmações sobre as influências psicológicas dos comportamentos religiosos, estudo da evolução dos estudos bíblicos ou assemelhados, mas não fará teologia. Nela a fé é uma exigência. A fé funda, pois, a especificidade da racionalidade teológica, inclusive porque ela será o elemento a partir do qual todos os outros conhecimentos serão vistos e analisados pela teologia.²⁵

A aceitação da fé como premissa para elaboração teológica é defendida por MANZATTO, pois a revelação deverá ser fundamenta na elaboração teológica. “A fé é, portanto, primeira em relação à elaboração teológica”. A fé faz parte da vida do teólogo e deve ser levada em consideração, pois o olhar teológico para qualquer situação da vida humana será pelas lentes da fé. Isso é teologia para o autor, que afirma ainda que: “por exigência epistemológica, o teólogo é homem de fé; sem ela, pode ser um estudioso da religião”²⁶, mas não um teólogo. Então, para se elaborar a defesa da teologia como ciência, deve-se

²⁵ MANZATTO, 09/05/2017.

²⁶ MANZATTO, 09/05/2017.

levar em consideração o aspecto da fé e não somente da racionalidade.

6. A IMPORTÂNCIA DA TEOLOGIA

Um segundo aspecto destaca sua importância como ciência para sociedade, seu aspecto prático. Para se fazer teologia sem descartar a fé, é preciso pôr em prática essa teologia discutida nos círculos acadêmicos e ver seus desdobramentos na prática. Como TILLICH afirma, para fazer teologia é preciso levar a sério a situação em que se está vivendo. O termo “situação” tem, em TILLICH, um sentido fundamental. Só se faz teologia a partir da situação. Ou seja, toda teologia é uma reflexão sobre a história do passado de presente e do futuro. Ao usar o método de correlação, TILLICH tenta unir mensagem e situação; tenta correlacionar as perguntas implícitas na situação com as respostas implícitas na mensagem. Ele relaciona perguntas e respostas, situação e mensagem, existência humana e manifestação divina.²⁷

Segundo ZABATIEIRO, a teologia é o movimento dos corpos cujos sentidos estão sintonizados aos sentidos de Deus, remetendo assim que a imagem do ser “pastoral” é “estar a serviço” do próximo.²⁸ A teologia prática e disciplinar para atingir seu objetivo, ter relevância na sociedade deveria ser portadora de uma mensagem bíblica com uma prática pastoral modelo, respondendo de forma clara a todos os questionamentos e problemas do ser humano moderno, bem como sendo um pronto socorro as pessoas que dela assim precisarem. A própria Igreja, como comunidade peregrina de fé e portadora da teologia, deveria situar-se em um plano onde expõe a palavra viva, fonte de toda inspiração teológica, tendo como mensagem a resposta de Deus para os anseios da humanidade, oferecendo paz, cura e salvação através do Cristo ressurreto.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após todas as análises, chega-se a um consenso de que Descartes é o pai da ciência moderna e de fato sua morte foi prematura, pois seus métodos inacabados poderiam contribuir muito para o meio acadêmico. Ficou

²⁷ TILLICH, Paul. **Teologia Sistemática**. Tradução de Getúlio Bertelli. São Paulo: Paulinas; São Leopoldo: Sinodal, 1984, p. 17.

²⁸ ZABATIEIRO, Júlio Paulo Tavares. **Para uma teologia pública**. 2.ed. São Paulo: Fonte Editorial / Faculdade Unida, 2012, p. 17.

evidente que seu método científico tem influenciado pensadores até os dias atuais. Portanto, ainda não se sabe se seu método foi o único responsável pelo afastamento da teologia do prestígio da ciência.

Não se identificaram as causas definitivas do afastamento da teologia do prestígio da ciência; apenas se elencaram possíveis causas, pois, para se chegar a tal conclusão, requer-se uma pesquisa mais ampla sobre o assunto. Quanto à teologia como ciência, é possível afirmar que, embora tenha caído em descrédito, ela tem ganhado espaço no meio acadêmico atualmente, porém a mesma tem características próprias, tais como a fé e seu aspecto prático, entre outros que foi impossível elencar neste texto, por ser uma questão mais ampla, porém, como tal, deve ser respeitada como ciência.

Dicas para uma próxima pesquisa ou artigo: quem foram os discípulos de Descartes, uma análise deve ser feita para saber se eles seguiram seus métodos, como eles enxergavam a teologia, quais os aspectos próprios da teologia como ciência. As análises e contribuições para o meio acadêmico estão presentes em cada tópico do texto, com cada tópico procura-se elencar questões que precisam ser debatidas no meio acadêmico, abrindo assim um leque de possibilidades para trabalhos futuros, ficando aberto para uma série de sugestões.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Leila Marrach Basto de; SANTOS, Frederik Moreira dos. Religião e Ciência: tensões, sincretismos e diálogos II. **Revista Nures** | Ano XIV | Número 34 | setembro-dezembro de 2016.

BECERRA, Luiza. **René Descartes e o método científico!** Disponível em: < <http://parquedaciencia.blogspot.com.br/2013/03/René-descartes-e-o-metodo-científico.html>>. Acessado em 09-05-217.

BRANDT, Hermann. Por que teologia “científica”? **Estudos Teológicos**, v. 12, n. 2, p. 94, 1972.

DAMÁSIO, António R. **O Erro de Descartes: Emoção, Razão e o Cérebro Humano**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

DESCARTES, René” “Penso, logo existo in: **O livro da Filosofia**. Tradução Rosemarie Ziegelmaier. São Paulo: Globo, 2011, p. 116-122.

GALILEI, Galileu. **Ciência e fé**. Rio de Janeiro: Nova Stella, 1988.

HEIDI, Strecker. **Especial para Página 3 Pedagogia & Comunicação**. Disponível em: <<https://educacao.uol.com.br/disciplinas/filosofia/René-descartes-1-o-metodo-cartesiano-e-a-revolucao-na-historia-dfilosofia.htm?cmid=copiaecola>>. Acessado em 09-05-217.

MANZATTO, Antônio. **A Teologia na Universidade**. Disponíveis em<<https://revistas.pucsp.br/index.php/reveleto/article/view/6749/4880>>. Acessado em 09-05-217.

MAXWELL. **Origem, história e descrédito** - Maxwell - PUC-Rio PUC-Rio. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/10064/10064_3.PDF>. Acessado em 09-05-217.

MEDEIROS, Luciano de Frontino. **Perspectivas em Gestão & Conhecimento**. João Pessoa, v. 2, n. 2, p. 43-56.

OLIVEIRA, Paulo de Eduardo. **Filosofia e educação**: aproximações e convergências. Curitiba: Círculo de Estudos Bandeirantes, 2012.

PETER, Kreeft; MELATTI, Gabriel. **Sócrates encontra Descartes**. São Paulo: Vide, 2014.

PLANTINGA, Alvin. **Religion and Science**, Stanford Encyclopedia of Philosophy, 2007.

SINNER, Rudolf von. Teologia como ciência. **Estudos Teológicos**, v. 47, n. 2, p. 57-66, 2007.

STRATHERN, Paul. **Descartes em 90 minutos**: Filósofos em 90 minutos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.

TILLICH, Paul. **Teologia Sistemática**. Tradução de Getúlio Bertelli. São Paulo: Paulinas; São Leopoldo: Sinodal, 1984.

ZABATIERO, Júlio Paulo Tavares. **Para uma teologia pública**. 2.ed. São Paulo: Fonte Editorial, Faculdade Unida, 2012.



A Revista Batista Pioneira está licenciada com uma Licença Creative Commons
Atribuição - Não Comercial - Sem Derivações - 4.0 Internacional